

tornou-se dominante em muitos lugares, notadamente no Brasil. Naturalmente, o sentimento subjacente de medo-amor ao Desconhecido tem raízes profundas em todo o mundo, desde as tradições dos shamans da Sibéria até a bruxaria africana, desde o mundo dos espíritos do índio americano até a adoração dos ancestrais, na China. Acontece, apenas, que escritores, cientistas e homens da vida pública, europeus e americanos, ofereceram-nos um registro particularmente detalhado e pessoal, dos seus encontros com o Desconhecido.

Personalidades poderosas, em especial certos escritores talentosos, brindaram-nos com um caleidoscópio de impressões. Charles Dickens pode ter zombado das sessões espíritas, mas seus livros estão cheios de imagens tais como o Espírito do Natal Que Passou. E Victor Hugo trouxe muito, e extraiu ainda mais, dos dois anos de conversações extraordinárias com entidades espectrais, em Jersey, a ilha do Canal. O trabalho do vidente sueco, Emanuel Swedenborg, influenciou gerações de pensadores, começando com o filósofo alemão Kant, e não terminando, por certo, com as meditações do poeta irlandês, Yeats.

Que o dramaturgo sueco Strindberg tivesse descoberto, entre todos os lugares, as idéias do seu contemporâneo em uma novela escrita por Balzac, é um dos achados mais divertidos da nossa pesquisa. E enquanto, para muitos, um envolvimento por demais profundo com o Desconhecido pode criar perigos emocionais, as idéias de Swedenborg construíram um sólido ancoradouro para a alma, batida pelas tempestades, de Strindberg, do mesmo modo como o fizeram para Henry James Sênior, o pai do psicólogo William e do escritor Henry James.

Mark Twain, o mais importante humorista americano, escondeu uma alma atormentada, sob suas palhaçadas. Igual a tantos outros, e William James foi um deles, Twain explorou o Desconhecido porque pressentiu outra dimensão, seja ela santa ou demoníaca, além da nossa existência terrena. Isto, por certo, também foi verdadeiro no caso de Maeterlinck, cujo impacto permanente tornou-se algo assim como uma versão do homem, feita por Disney, com o "pássaro azul da felicidade" como a máscara que esconde sua natureza pessimista e obcecada pela idéia da morte. Em sua serena melancolia, Maeterlinck deu-nos os mais equilibrados e agradáveis epigramas de uma procura pelo Desconhecido.

A busca do poeta não difere, em essência, daquela do cientista sensível e sinceramente devotado. Wallace, cujas idéias sobre a evolução coincidiram com as de Darwin, convenceu-se de que um plano grandioso está oculto atrás do desenvolvimento das plantas, dos animais e do homem. Em nosso tempo, esta idéia está tão viva quanto estava nos dias de Wallace; naturalistas e biólogos estão entre os cientistas que mais profundamente se preocupam com os estudos modernos de parapsicologia; alguns deles estão olhando para uma direção que não é muito diferente das explorações de Wallace, sobre o espiritualismo.

Se alguma conclusão pode ser extraída deste livro, ela é a de que até mesmo um envolvimento apaixonado com o Desconhecido não é uma indicação de instabilidade emocional; os excessos, como no caso de Strindberg, sublinham os perigos, mas não depreciam a aproximação individualista de homens como Conan Doyle ou Edison. Não seria difícil encontrar, em cada caso, um padrão psicológico que aponta para a direção que esses homens tomaram. A educação recebida por Conan Doyle e o messianismo motivado por seu ego são fáceis de traçar, como o é, no caso de Edison, o desejo de erguer a cortina do mistério final, da vida além da morte, depois de passar uma existência inteira a examinar e a explorar. Mas, a partir daí, os eventos podem ser agrupados e interpretados de modo a combinar com inúmeros padrões.

Seria ingênuo aplicar um freudianismo superficial até mesmo para a própria atitude de Freud, tipo rolo-compressor, com respeito à telepatia. Naturalmente, o homem, que criou o conceito do "pensamento mágico infantil", enfrentou uma atração pelo mágico, dentro de si mesmo. Depois que tudo foi dito e feito, no fim, estes dois gigantes antagonistas, Freud e Jung, chegaram a atitudes similares mas, nessa ocasião, eles já tinham desistido de ler os escritos, um do outro, e, provavelmente, estavam na mais absoluta ignorância de que seus caminhos, tão diferentes, haviam começado a correr em paralelo.

No pensamento anglo-saxão, as tradições gaulesas representam uma forte corrente subterrânea. O escocês McDougall preparou o caminho, partindo das lendas poéticas revividas pelo irlandês Yeats, para os modernos estudos de laboratório da PES. Onde termina o poético e começa o científico? A imaginação humana não se detém na porta do laboratório.